




**Foucault, leitor de Binswanger: o sonho na análise existencial**  
**Foucault reader of Binswanger: the dream in Daseinsanalysis**  
**Foucault lector de Binswanger: el sueño en el análisis existencial**

**João Pedro Azevedo Lima**

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

E-mail: [joao.azevedo.lima@ifch.ufpa.br](mailto:joao.azevedo.lima@ifch.ufpa.br) ✉

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9009-452X> 



Como citar: Azevedo Lima, J. P. Foucault, leitor de Binswanger: o sonho na análise existencial: the dream in Daseinsanalysis. *Revista NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity*, 17(1). <https://doi.org/10.26823/mufen.v17i1.25611> Recebido em: 21/10/2024 - Aceito em: 16/12/2024.

### Resumo

Na primeira metade da década de 1950, o centro do interesse teórico de Michel Foucault (1926–1984) girava em torno, sobretudo, da psicologia e da psicopatologia. Dentre os escritos dessa época, podemos destacar a introdução à tradução francesa de *Traum und Existenz*, de Ludwig Binswanger (1881–1966), como também seu primeiro livro, *Maladie mentale et personnalité* (1954). No curso *Binswanger et l'analyse existentielle*, Foucault realiza um exame rigoroso da *Daseinsanalyse*, comparando-a às abordagens da psiquiatria, da psicologia e da fenomenologia acerca da doença mental. Por conseguinte, a partir do curso mencionado e da introdução supracitada, o presente artigo busca apresentar e definir as teses centrais da *Daseinsanalyse*, conforme trata Foucault, com ênfase em sua crítica à interpretação binswangeriana do sonho. Assim, recorrer-se-á tanto à análise e à apresentação de certos conceitos da filosofia heideggeriana, quanto à psicanálise freudiana, na medida em que ambas dialogam com a análise idealizada por Binswanger.

**Palavras-chave:** Michel Foucault, Ludwig Binswanger, *Daseinsanalyse*, Psicologia.

### Abstract

In the first half of the 1950s, Michel Foucault's (1926–1984) theoretical interest centered mainly on psychology and psychopathology. Among the writings of this period, we can highlight the introduction to the French translation of *Traum und Existenz* by Ludwig Binswanger (1881–1966), as well as his first book, *Maladie mentale et personnalité* (1954). In the course *Binswanger et l'analyse existentielle*, Foucault carries out a rigorous examination of *Daseinsanalyse*, comparing it to the approaches of psychiatry, psychology and phenomenology regarding mental illness. Therefore, based on the aforementioned course and the aforementioned introduction, this article seeks to present and define the central theses of *Daseinsanalyse*, as addressed by Foucault, with an emphasis on his critique of Binswanger's interpretation of dreams. Thus, we will resort to both the analysis and presentation of certain concepts of Heideggerian philosophy and Freudian psychoanalysis, insofar as both dialogue with the analysis idealized by Binswanger.

**Keywords:** Michel Foucault, Ludwig Binswanger, *Daseinsanalyse*, Psychology.

### Resumen

En la primera mitad de la década de 1950, el centro del interés teórico de Michel Foucault (1926–1984) giraba, sobre todo, en torno a la psicología y la psicopatología. Entre los escritos de esa época podemos destacar la introducción a la traducción francesa de *Traum und Existenz*, de Ludwig Binswanger (1881–1966), así como su primer libro, *Maladie mentale et personnalité* (1954). En el curso *Binswanger et l'analyse existentielle*, Foucault lleva a cabo un riguroso examen del *Daseinsanalyse*, comparándolo con los enfoques de la psiquiatría, la psicología y la fenomenología sobre las enfermedades mentales. Por lo tanto, a partir del citado curso y de la mencionada introducción, este artículo busca presentar y definir las tesis centrales del *Daseinsanalyse*, tal como las discute Foucault, con énfasis en su crítica a la interpretación binswangeriana de los sueños. Así, se utilizará tanto el análisis como la presentación de ciertos conceptos de la filosofía heideggeriana y del psicoanálisis freudiano, ya que ambos dialogan con el análisis idealizado por Binswanger.

**Palabras clave:** Michel Foucault, Ludwig Binswanger, Análisis existencial, Psicología.

*Compreensão da consciência doente, e reconstituição de seu universo patológico, essas são as duas tarefas de uma fenomenologia da doença mental*  
(Foucault, 1954, p. 56, grifo nosso).

## Introdução

A fim de introduzir a discussão que aqui propomos, acreditamos que seja importante contextualizar o momento em que surge o interesse de Michel Foucault (1926–1984) pela obra de Ludwig Binswanger (1881–1966), pois, desse modo, poder-se-á melhor compreender tanto o sentido da introdução à edição francesa de *Traum und Existenz* — cuja tradução é assinada por Jacqueline Verdeaux, com notas de Foucault, e publicada sob o título de *Le Rêve et l'Existence* —; quanto o fio condutor da argumentação apresentada no curso *Binswanger et l'analyse existentielle*, ambos datados de 1954. Isto posto, partimos do pressuposto de que determinado escrito não surge descolado da realidade em que é produzido, mas é, efetivamente, resultado da conjuntura de inúmeros fatores contingentes e históricos. Antes, é preciso estabelecer claramente a metodologia aqui adotada, a fim de alcançarmos os objetivos mencionados no resumo acima.

Para o presente trabalho, buscamos nos alinhar à abordagem histórico-filológica, conforme Mazzino Montinari (1928–1986) descreve na conferência *Ler Nietzsche*. Tal qual ocorre em relação ao filósofo do martelo, temos como ponto de partida a aceção de que uma leitura adequada dos trabalhos de Foucault significa “não se deixar limitar por fórmulas isoladas (...), do tomar ao pé-da-letra suas declarações mas, ao mesmo tempo, não se tornar descompromissado como um sofista” (Montinari, 2003, p. 243). Ou seja, não se pode simplesmente considerá-lo estruturalista — conforme apontam seus críticos, sobretudo a partir da publicação de *Les mots et les choses*, em 1966; fenomenólogo — escola da filosofia ocidental em relação à qual Foucault ainda possui certa filiação no decorrer dos anos 1950; ou nietzschiano — ideia que parte de uma leitura apressada de seus escritos, como, por exemplo, quando no prefácio à primeira edição de *Histoire de la folie* afirma que sua tese está posta “sob o sol da grande pesquisa nietzschiana” (Foucault, 2001c, p. 190). Em suma, acreditamos não ser possível enquadrar Foucault a um único grupo ou escola filosófica, dada a amplitude e os diversos momentos de sua obra.

Logo, propomo-nos a considerar especificamente os escritos do período que seus comentadores costumam chamar de “primeiro Foucault”, isto é, aqueles produzidos nos anos 1950, anteriores a sua tese de doutoramento, *Folie et déraison* (1961). Por se tratar de um trabalho de cunho filosófico, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, na medida que entendemos que a filosofia “não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A

*filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos*”, conforme definem Deleuze e Guattari (2010, p. 11). Além das fontes primárias — os textos de Foucault supramencionados —, comentadores também serão mobilizados, como Basso (2010, 2015, 2021, 2023), Elden (2021) Stival (2014), Seidman (1983), pois, a partir deles, podemos dar um tratamento mais completo à temática que buscamos abordar, isto é, a leitura crítica que Foucault faz de Binswanger, sobretudo no que concerne à questão do sonho, tanto do ponto de vista histórico quanto propriamente conceitual. Ademais, é de nossa autoria a tradução de todas as passagens cujas referências encontram-se em língua estrangeira.

Em síntese, este trabalho possui caráter filológico na medida que busca determinar os conceitos apresentados na bibliografia primária e secundária; e caráter histórico ao passo que busca situá-los na produção bibliográfica de Foucault e em relação ao seu contexto histórico, a saber, sua relação para com a fenomenologia, corrente de pensamento até então dominante no cenário filosófico francês, e seu interesse pela psicopatologia. Além disso, dada a recente publicação do curso sobre Binswanger, ainda são poucos os trabalhos que tratam sobre a produção deste “primeiro Foucault” — sobretudo em língua portuguesa —, visto que seus cursos pronunciados no *Collège de France*, cujo ciclo de publicação se iniciou em 1997 e findou em 2015, tornaram-se parte central das pesquisas sobre sua filosofia, fato que põs em segundo plano, certamente, a arqueologia foucaultiana, como também sua *proto-arqueologia*, termo oportunamente utilizado por Nalli (2006) para descrever os textos de Foucault da década de 1950. Logo, reconhecemos a atual conjuntura como um momento fortuito para trazermos à tona estes primeiros escritos, visando ressaltar, portanto, a importância deles e buscando explicitar detidamente os conceitos neles contidos.

## **O “Jovem” Foucault: o contexto das traduções e primeiras publicações**

No decorrer dos anos 1950, Foucault pouco publicou: além da introdução a *Rêve et l'Existence*, antes de *Folie et déraison* (1961) — que consta na primeira edição de *Naissance de la clinique* (1963) como seu primeiro livro — o filósofo francês assinou apenas outros três textos, todos acerca da temática da psiquiatria e da psicopatologia: *La psychologie de 1850 à 1950*, *La recherche scientifique et la psychologie*, ambos publicados em 1957, e seu primeiro livro, *Maladie mentale et personnalité*, de 1954, estudo no qual compara as principais abordagens acerca da doença mental, da psicologia à psiquiatria, de Binswanger a Pavlov (Basso, 2021).

Segundo Basso (2023), tais textos, sobretudo por conta de seu caráter um tanto cifrado e enigmático, foram comumente lidos como um “falso começo” do trabalho filosófico de Foucault, a tal ponto que *Maladie mentale et personnalité*, oficialmente a primeira obra de Foucault a ser publicada, “não foi incluída nos dois volumes das Œuvres [obras completas] do filósofo, recentemente publicados na prestigiada coleção da *Bibliothèque de la Pléiade* [da editora Gallimard]” (Basso, 2023, p. 2). Por conta da completa reformulação para sua segunda edição, publicada em 1962 sob o novo título de *Maladie mentale et*

*psychologie*, os estudos empreendidos pela recepção da obra de Foucault, em um primeiro momento, puseram estes escritos em segundo plano. Tal fato se deu principalmente por conta do difícil acesso aos manuscritos que Foucault produziu no decorrer dos anos 1950 (Basso, 2023). Atualmente, no entanto, o depósito desses documentos na Biblioteca Nacional da França, coletados desde 2013 no departamento de manuscritos, passou a ser uma importante fonte para pesquisas que buscam investigar a produção foucaultiana, que se revelou ser muito maior em comparação ao que foi publicado em vida pelo filósofo, com numerosas conferências e fichas de leitura, como é o caso de *Binswanger et l'analyse existentielle* (Foucault, 2021), mas também de *Nietzsche: cours, conférences et travaux* (cf. Foucault, 2024).

Nesse sentido, conforme retomaremos ao final deste artigo, reconhecemos que a análise dos textos sobre Binswanger — não somente estes, mas também as demais produções sobre a psicologia/ antropologia — nos permite demonstrar que “a crítica de Foucault às ciências humanas, a qual caracteriza seu trabalho durante os anos 1960, já está sendo desenvolvida durante [os anos] 1950” (Basso, 2023, p. 3). Conforme bem nos indica Eribon (1992, p. 66), “a frequência a Binswanger (...) vai ter um papel muito importante para Foucault. (...) As análises de Binswanger vão fazê-lo descobrir uma espécie de realidade profunda da loucura”, ideia na qual se pode identificar as primeiras linhas do que viria a se tornar sua tese de doutoramento, publicada pela primeira vez pela editora Plon, sob o título de *Folie et déraison: Histoire de la folie à l'âge classique* (1961). Antes, tratemos de localizar e definir as condições do encontro de Foucault com Binswanger.

Pouco antes de receber seu diploma de especialização em psicopatologia pelo Instituto de Psicologia de Paris, em junho de 1952 (cf. Defert, 2001), Foucault assumiu um cargo um tanto indefinido no laboratório de eletroencefalografia do hospital psiquiátrico de Sainte-Anne, dirigido por Jean Delay (1907–1987), e estabelecido pelo neuropsiquiatra Georges Verdeaux (1915–2004), Jacqueline Verdeaux e André Ombredane (1898–1958). Conforme ele próprio admite, “ninguém se preocupava sobre o que eu deveria estar fazendo; eu era livre para fazer qualquer coisa. Eu estava, na verdade, em uma posição entre os funcionários e os pacientes” (Macey, 2019, p. 56). Além de auxiliá-los em experimentos clínicos de encefalografia, Foucault também compartilha com Jacqueline um especial interesse pelo teste de Rorschach, sobre o qual irá dedicar longas horas de cursos, tanto em Clermont-Ferrand, quanto em sua estadia em Túnis, onde lecionou na Faculdade de Letras da Universidade de Túnis entre 1966 e 1968 (Eribon, 1991).

À mesma época, graças à indicação de Jules Vuillemin (1920–2001) — quem também o indicou, ao final dos anos 1960, ao *Collège de France*, após a morte de Jean Hyppolite (1907–1968) (Eribon, 1991) —, Foucault é nomeado ao cargo de professor assistente de psicologia na Faculdade de Letras da Universidade de Lille, assumindo suas funções em outubro de 1952, as quais exerce até junho de 1955 (cf. Elden, 2021). Em seguida, parte para a Suécia em agosto do mesmo ano, a convite de Georges Dumézil (1898–1986), e assume o cargo de professor assistente no Departamento de Estudos Românicos da Universidade de Uppsala, cidade situada a cerca de setenta quilômetros ao norte da capital

sueca, onde Foucault começa a redação do manuscrito de *Folie et déraison*. Conforme Eribon (1991, p. 85) atesta, a soma dos trabalhos de Foucault nesse período “mostra suficientemente [sua] enorme capacidade de trabalho (...): ele lê, escreve, ensina... a esse respeito, ele não mudará quase nada ao longo de sua vida”.

Certamente, na gênese de sua história da loucura, definida pelo autor em entrevista enquanto uma “história da divisão [*partage*], (...) uma história da diferença” (Foucault, 2001b, p. 526), Binswanger foi uma de suas principais influências, e sua análise existencial (*Daseinsanalyse*) desempenhou um papel fundamental, quiçá seminal, para as teses elaboradas por Foucault nessa obra. O encontro dos dois, que mantiveram correspondência entre 1954 e 1956 (cf. Basso, 2015a), foi intermediado pelos Verdeaux, que já conheciam o psiquiatra suíço.

Segundo Elden expõe em *The Early Foucault* (2021), obra na qual trata detidamente da produção inicial do filósofo — e comenta tanto sobre seus escritos quanto sobre as traduções de Binswanger e von Weizsäcker —, o casal Verdeaux conheceu Binswanger por intermédio do psicólogo Roland Kuhn (1912–2005), que trabalhava em uma clínica em Münsterlingen, localizada a apenas alguns quilômetros do sanatório Bellevue de Binswanger, fundado por seu avô e administrado por ele próprio desde 1911, situado em Kreuzlingen (Macey, 2019). A correspondência entre Jacqueline e o criador da *Daseinsanalyse* inicia-se em 1947 (Elden, 2021).

Em junho de 1952, Verdeaux traduz o livro de Kuhn intitulado *Über Maskendeutungen im Rorschachsche Versuch* [Sobre as interpretações das máscaras no experimento de Rorschach], e no ano seguinte, a germanista

contacta Binswanger sugerindo-lhe traduzir outro de seus ensaios como um prelúdio para um de seus casos de estudo mais longos. Ao descobrir que ensaio sobre Freud já se encontra traduzido, ela sugeriu ‘Traum und Existenz’, cuja intenção inicial [para a publicação era a revista] *Les Temps modernes*, e ela acrescenta que possui uma editora belga, Desclée de Brouwer, interessada em um trabalho mais longo. (Elden, 2021, p. 81)

Alguns anos antes, em 1944, Georges Verdeaux defendeu uma tese sob a direção de Jacques Lacan (1901–1981), o que claramente evidencia que o vocabulário psicanalítico não seria uma problema para a tradução. Nas palavras de Basso (2015b, p. 145), “nos anos 1930, Lacan — que passou uma temporada de estudos em Zurique entre 1929 e 1930 — (...) não deixa de expressar explicitamente seu interesse pela abordagem fenomenológica de Binswanger”; ou seja, a influência da obra do psiquiatra suíço — cuja obra *Über Ideenflucht* (1933) figura ao final de *Maladie mentale et personnalité* enquanto um dos marcos históricos da psiquiatria — é bem anterior ao interesse de Foucault por Binswanger, fato que demonstra, certamente, sua importância histórica na França, não apenas para

psiquiatria, mais também no cenário filosófico dos anos 1940, quando Sartre e Merleau-Ponty, dois dos principais nomes da filosofia francesa durante a primeira metade do século XX, voltam-se ao estudo do autor de *Traum und Existenz* (Basso, 2015b).

Contudo, “havia maiores desafios no que concerne a linguagem filosófica, as influências fenomenológicas e especialmente a obra de Heidegger” (Elden, 2021, p. 81). Foucault, por sua parte, foi um grande leitor da obra heideggeriana ao longo de seus anos de formação, e sua participação neste trabalho representava uma oportunidade na qual somavam-se tanto seus interesses pessoais, quanto sua formação acadêmica em filosofia. Ao longo do processo de tradução, os dois visitaram diversas vezes Kuhn e Binswanger, e discutiram principalmente sobre qual seria a tradução mais adequada para *Daseinsanalyse*, em específico, a tradução do conceito de *Dasein*.

Conforme lê-se na primeira nota contida ao início do texto de *Le Rêve et l'Existence*, “com a concordância do autor, nós traduzimos *Dasein* por ‘*présence*’” (Elden, 2021, p. 82). A respeito desta questão, comum em se tratando da filosofia heideggeriana, Benedito Nunes (1929–2011) — um dos principais responsáveis pela recepção de Heidegger no Brasil — não concorda com a escolha da palavra equivalente em língua portuguesa, isto é, *presença*; e conclui seu breve texto afirmando que “seria melhor não traduzir *Dasein*; mas já que se decide fazê-lo convém não traduzir essa palavrinha forte e semanticamente estufada por *pré-sença*” (Nunes, 2016, p. 36). Todavia, esta foi a escolha de Foucault e Verdeaux (acerca da tradução de *Dasein*, cf. Nunes, 2016; Roehe & Dutra, 2014).

Segundo Macey (2019), após concluir a tradução, Verdeaux pergunta a Foucault se ele gostaria de escrever um prefácio ao texto, tarefa que aceita, apesar da dificuldade que ela o impõe. Não obstante, tal versão não deve ser aceita sem antes ressalvas. Elden argumenta que, na verdade, o filósofo francês não precisou de modo algum ser convencido para escrever esta introdução: “parece que Foucault já possuía um rico material preparado sobre Binswanger, e que este projeto lhe deu uma saída adequada [para publicá-lo]” (Elden, 2021, p. 88). Após concluído, tanto Binswanger quanto Verdeaux gostaram da introdução, porém, surge uma dificuldade editorial; o prefácio de Foucault tem mais de 128 páginas, “é duas vezes o tamanho do ensaio que deveria introduzir” (Macey, 2019, p. 60). Mesmo assim, *Le Rêve et l'Existence* é publicado, e acaba por ser um fracasso comercial: “a tiragem foi de 3000 cópias; três anos depois, só trezentas ou quatrocentas foram vendidas, e as demais cópias foram descartadas” (Macey, 2019, p. 61). Dadas estas considerações históricas, passemos a uma breve introdução à *Daseinsanalyse* de Binswanger, para em seguida tratarmos dos comentários que Foucault expõe, tanto na introdução mencionada, quanto em seu curso proferido na Universidade de Lille.

## **Binswanger e a articulação entre a fenomenologia heideggeriana e a psicopatologia**

Considera-se que, a principal contribuição de Binswanger ao conceber sua análise existencial reside em articular a fenomenologia — sobretudo aquela pensada por Heidegger — à psicopatologia. No entanto, o que isso significa? Para assimilarmos devidamente esta

questão, é necessário, primeiro, elucidar a importância da abordagem fenomenológica, e por razão ela pode nos possibilitar uma compreensão adequada da doença mental: ao fim e ao cabo, a *Daseinsanalyse* se trata de uma nova proposta psicoterapêutica. Por conseguinte, como um de seus pontos centrais, deve-se tratar da própria condição da existência do ser humano, talvez o principal problema cujas filosofias da existência, como a filosofia heideggeriana, buscaram por uma resposta. Assim, tratemos de explicitar brevemente o que Heidegger objetiva apreender, fenomenologicamente, com seu célebre conceito *das Dasein*, *modus* fundamental para a elaboração de Binswanger.

Conforme Nunes (2016) descreve em sua *Introdução à leitura de Heidegger*, antes da publicação de sua *Gesamtausgabe* (a edição de suas obras reunidas, cujo primeiro volume data de 1975), comumente se dividiu sua obra em dois momentos: 1) o primeiro se inicia em 1927, ocasião da publicação de *Ser e tempo*, e se estende até 1946, ano de sua carta *Sobre o humanismo*, dirigida a Jean Beaufret (1907–1982), um dos principais responsáveis pela recepção do pensamento heideggeriano em território francês; 2) o segundo segue a partir desse mesmo ano e finda em 1976, ano da morte do filósofo. Pode-se afirmar seguramente que Binswanger dialoga sobretudo com o “primeiro” Heidegger, isto é, de *Ser e tempo*, já que a filosofia aí exposta já se relaciona às filosofias existenciais. Em resumo, em sua *Ontologia fundamental*, Heidegger

distingue o homem dos outros entes pela *compreensão do ser que constitui sua conduta*, a partir da situação fáctica em que se encontra. (...) O homem, independentemente de qualquer pressuposto extrínseco na maneira de concebê-lo — dotado de natureza racional ou criado à imagem e semelhança de Deus —, *existe imerso no meio do ente*. (...) [Portanto], em virtude de estar aí situado, e transcendendo-o, em virtude de ser tal como existe (a existência, nesse caso, é um poder-ser e não uma natureza determinada), o homem é um *Da-sein* (ser aí) — aquele ente, define-o Heidegger, que nós mesmos somos. (Nunes, 2016, pp. 17-18, grifo nosso)

Em *Ser e Tempo* (1927), *magnum opus* de sua filosofia, Heidegger busca definir o sentido do *ser*, uma vez que considera que a história da filosofia (ocidental), ou melhor, que a *metafísica*, se desenvolveu em torno da noção de *ente*, sem nunca ter se detido sobre a verdadeira questão do ser, processo cujo filósofo definiu enquanto uma longa história do esquecimento do ser. Em resposta a esta omissão, Heidegger propõe-se a responder a questão do ser da única maneira que considera adequada, que é uma abordagem *existencial-ontológica*, segundo o filósofo alemão, a única forma genuína de responder à questão (ontológica) da essência do ser (Sloterdijk, 2018). Para tanto, tal investigação deve ser desenvolvida através de uma interpretação fenomenológica, e deve possuir como ponto de partida “a interpretação da facticidade do [*Dasein*]” (Stein, 2002, p. 59).



Uma distinção fundamental posta por Heidegger é aquela entre o *ôntico* e o *ontológico*: o primeiro, diz respeito ao *ente*, enquanto o segundo diz respeito ao *ser*. Porém, deve-se perguntar: qual a razão do privilégio atribuído por Heidegger ao *Dasein*? Em síntese, ele diz respeito ao caráter excepcional de sua constituição. Ao analisar o primado ontológico da questão do ser, no primeiro capítulo de *Ser e Tempo*, Heidegger demonstra que “o [*Dasein*] não é apenas um ente que ocorre entre outros entes. Ao contrário, [ele] se distingue onticamente *pelo privilégio de, em seu ser, isto é, sendo, estar em jogo seu próprio ser*” (2015, p. 48). Em outras palavras, a condição ôntica do *Dasein* é especificamente uma condição *ontológica*, o que lhe confere, em detrimento de quaisquer entes, o primado quando se trata de interrogar a questão do ser; por conseguinte, “a compreensão do ser é ela mesma uma determinação do ser do [*Dasein*]” (Stein, 2002, p. 63). Dado esse excuroso em direção à filosofia heideggeriana — postas essas considerações sobre o *Dasein* —, passemos propriamente à Binswanger, a fim de elucidarmos de que modo o conceito supramencionado é capital à teoria do psiquiatra suíço.

O texto de Željko Loparić sobre a leitura que Binswanger faz do pensamento de Heidegger é revelador em alguns sentidos: primeiro, o intérprete nos apresenta resumidamente as teses centrais de *Traum und Existenz*, artigo *básico* “*para a compreensão do surgimento e desenvolvimento da [Daseinsanalyse]*” (2002, p. 384); segundo, busca-se verificar de que modo a leitura de Binswanger sobre Heidegger foi ou não um “erro produtivo”. Conforme Loparić afirma, em *Traum und Existenz*, “a tese básica é a de que um traço essencial da *estrutura ontológica* do ser humano é o *movimento de ascensão e de queda*” (2002, p. 284, grifo do autor), movimentos estes que acontecem involuntariamente na vida do indivíduo.

Em resumo, Binswanger compreende que Heidegger nada mais fez do que adicionar uma nova dimensão à fenomenologia husserliana, a saber, o *Dasein*, justamente a dimensão a partir da qual ele desenvolverá sua análise existencial: nessa perspectiva, o psiquiatra suíço inclui o sonho enquanto uma nova forma privilegiada de acesso ao entendimento ontológico, conforme estabelece Heidegger (Elden, 2021). Ao compreender o trabalho de Heidegger enquanto uma nova forma de conceber a existência humana, Binswanger depreende daí que se abre a possibilidade de uma nova forma de compreender as formas *desordenadas* ou *patológicas* da existência humana (Fernandez, 2018). Contudo, por qual razão afirmar que Binswanger cometeu um erro em sua interpretação da ontologia de Heidegger?

De acordo com Loparić (2002), o erro de Binswanger foi uma má compreensão do ser-com (*Mitsein*); a argumentação de Fernandez (2018) também procede nesta mesma direção. Contudo, para Loparić (2002), em nada isso afeta a elaboração teórica da *Daseinsanalyse*. Em outras palavras, “o que Binswanger tirou de fato de *Ser e Tempo* foram principalmente motivos da primeira seção, a análise preparatória da existência cotidiana. O mais importante desses foi a caracterização da existência humana como ser-no-mundo [*In-der-Welt-sein*]” (Spiegelberg, 1973, p. 205). Portanto, a partir desses “motivos” advindos de *Ser e Tempo*, Binswanger elabora sua antropologia, a *Daseinsanalyse*, cujas primeiras

bases se encontram delineadas em *Traum und Existenz*: a partir do *Dasein*, Binswanger inaugura uma antropologia que, embora busque determinar um *a priori* para a patologia mental, acaba por considerar que o único modo de encontra-lo é através de uma investigação detalhada da história de vida do doente. Ademais, há de se ressaltar que tal qual Heidegger, Binswanger se nega a aceitar a divisão cartesiana entre a coisa pensante (*res cogitans*) e a coisa extensa (*res extensa*), ou, em seus termos psiquiátricos, o elemento psíquico e o corpo (Yasoshima & Messas, 2018).

\*

*In nuce*, podemos afirmar que a principal contribuição de Binswanger ao elaborar sua antropologia fenomenológica, na qual se cruzam a psicanálise — o psiquiatra explicita que sua elaboração teórica se deu em grande medida por sua luta persistente com Freud (Spiegelberg, 1973) — e a fenomenologia, se deve ao fato de que ele pôde retirar, ou ao menos descentralizar, a fenomenologia do campo estritamente gnosiológico, para torná-la útil nos “domínios da vida” (Basso, 2010). Além disso, Foucault viu na *Daseinsanalyse* uma espécie de ponto de sutura entre a filosofia e a psicologia, “antes que esses dois discursos [estivessem] definitivamente separados, considerados estrangeiros um ao outro, quando o prestígio de uma análise da experiência vivida do paciente terá dado lugar à historicização das categorias do discurso psiquiátrico e forma experiências correlativas” (Sabot, 2015, p. 113). Conforme nos lembra Basso (2021, p. 183), nos anos 1950 a psicologia ainda não era uma área do saber completamente independente, tanto que, segundo ela, “os professores mais marcantes da história da psicologia [eram] filósofos”. Portanto, tratemos a seguir sobre concepção de sonho de Binswanger, para então passarmos à crítica que Foucault empreende em sua introdução.

### **O sonho na análise existencial: Foucault, leitor (crítico) de Binswanger**

Como ponto de partida para a introdução de Foucault a Binswanger, citemos um trecho da correspondência entre os dois, datada de 27 de abril de 1954, na qual o filósofo, ao enviar uma das primeiras versões de seu texto para avaliação, afirma que para esse trabalho não teve mais que duas preocupações: “[primeiro], *mostrar a importância significativa do sonho na análise existencial, e mostrar como [a] concepção de sonho implica uma renovação completa das análises da imaginação*” (Basso, 2015a, p. 183, grifo nosso). Deve-se ressaltar que a interrogação sobre o sonho na discussão psicanalítica não foi de modo algum inaugurada por Binswanger: basta lembrarmos — o destaque à coincidência das datas é posto por Foucault (2001a, p. 97) — que *Die Traumdeutung* [A interpretação dos sonhos] de Freud é publicada em 1900, tal qual as *Logische Untersuchungen* [Investigações lógicas] de Husserl. Todavia, a contraposição do psiquiatra suíço ao modelo interpretativo freudiano para os sonhos foi o que chamou a atenção de Foucault, quem lhe dedica numerosas páginas para introduzir a versão francesa de *Traum und Existenz*.

De início, é fundamental expormos, em linhas gerais, a teoria freudiana a respeito do sonho, uma vez que é em relação a ela que Binswanger se contrapõe. Conforme argumenta Foucault,

com *Die Traumdeutung*, o sonho faz sua entrada no campo das *significações humanas*. Na experiência onírica, o sentido das condutas parecia se dissipar; à medida que a consciência vigilante escurece e morre, o sonho parece finalmente se afrouxar e desatar o nó das significações. *O sonho era como o não-sentido [non-sens] da consciência*. Sabemos como Freud inverteu a proposição, e fez do sonho o sentido do inconsciente. (Foucault, 2001a, p. 97, grifo nosso)

Sobre o contexto da recepção imediata que se seguiu à publicação dessa obra de Freud, Basso (2010) expõe que a principal crítica feita pelos psiquiatras universitários aos defensores da psicanálise dizia respeito à sua falta de cientificidade: com efeito, a grande pretensão de Bleuler era apresentar a psicanálise de Freud sob os termos “de ‘verificação’ e de ‘controle experimental’” (Basso, 2010, p. 666). *Die Traumdeutung* estava no centro do debate psicanalítico à época de sua publicação por ser precisamente o espaço onde era possível observar os mecanismos até então só teorizados pela psicanálise: o inconsciente, o desejo, o trabalho do sonho. Em outras palavras, essa obra “não apenas oferecia enfim um *método* à psicologia que ela procurava para ascender ao ‘psíquico’ sem alterar a realidade, mas se apresentava ao mesmo tempo como o terreno de ensaio e a prova da validade científica do método” (Basso, 2010, p. 667).

Freud (2013) assume a definição dos sonhos enquanto *realização dos desejos* possui certa dificuldade em ser aceita de imediato, principalmente no caso dos sonhos angustiantes, que também chamamos de pesadelos. Em sua perspectiva, a definição aristotélica de sonho enquanto a continuação dos pensamentos durante o sono é insuficiente, pois não consegue explicar por quais razões esses pensamentos, durante o sono, se expressam enquanto realização de desejo. Segundo Foucault, “a linguagem do sonho é analisada só em sua função semântica; a análise freudiana deixa na sombra sua estrutura morfológica e sintática” (Foucault, 2001a, p. 98). Tal falta, para o filósofo, advém sobretudo de uma

*insuficiência na elaboração da noção de símbolo*. O símbolo é tomado por Freud somente como ponto de tangência onde vêm se encontrar, em uma instante, a significação límpida e o material da imagem tomado como resíduo transformado e transformável da percepção. *O símbolo é a delgada superfície de contato, essa película que separa, ao mesmo tempo que os une, um mundo interior e um mundo exterior*, a instância de pulsão inconsciente e aquela da consciência perceptiva, o momento

da linguagem implícita, e aquele da imagem sensível. (Foucault, 2001a, p. 100, grifo nosso)

Ou seja, não se deve repetir esse equívoco da análise freudiana de considerar o *sentido* e a *imagem* enquanto duas faces de uma mesma moeda, a qual seria a concepção de *símbolo*: em síntese, “a psicanálise tomou a palavra ‘símbolo’ em uma validade imediata que não tentou nem elaborar nem mesmo delimitar” (Foucault, 2001a, p. 102). Ora, não por outro motivo que após expor essas considerações Foucault volta-se à análise da filosofia de Husserl, pois enquanto Freud “jamais conseguiu fazer falar as imagens” (Foucault, 2001a, p. 101), a fenomenologia husserliana o fez, entretanto, “não deu a ninguém a possibilidade de compreender a sua linguagem” (Foucault, 2001a, p. 107). Quer dizer, de um modo um tanto paradoxal, Foucault identifica que, mesmo respondendo à análise freudiana, a fenomenologia deve ser superada— este é, para o filósofo francês, uma das problemáticas centrais da *Daseinsanalyse* —, e é precisamente isto que Binswanger empreende em *Traum und Existenz*, ou, como afirma Foucault na introdução de seu curso sobre a *Daseinsanalyse*, é chegado “o momento decisivo na análise da doença mental; é também o momento decisivo para a ultrapassagem radical da análise fenomenológica em seu esforço de gênese das constituições da compreensão do sentido” (Foucault, 2021, p. 35). Em outros termos, era preciso restituir a plenitude dos atos de expressão dos sonhos: fazia-se necessário um fundamento, e, para tanto, Binswanger “[traz] à luz uma plástica tão fundamental do sonho e da expressão” (Foucault, 2001a, p. 108), e recorre à tradição para operá-lo.

Por exemplo, na primeira parte de *Wandlungen in der Auffassung und Deutung des Traumes* [Transformações no conceito e na interpretação dos sonhos], publicado dois anos antes de *Traum und Existenz*, Binswanger (1928) trata inicialmente de definir, a partir de Aristóteles e Hipócrates, a concepção grega dos sonhos, conforme já mencionamos acima. Em seu artigo, a fim de demonstrar a tese que assume como fio condutor de seu artigo, isto é, de que os sonhos são uma forma de *experiência* do indivíduo, além de Heidegger e Husserl — fenomenólogos fundamentais para o psiquiatra suíço —, há também um diálogo com um vasto número de referências, como Goethe, Hegel, Mörike, Jaeger e Homero. Para Binswanger, a existência individualizada possui diversas manifestações, e, dentre elas, o *sonho* possui uma significância especial: Freud psicologizou o sonho, o que retirou seu privilégio enquanto tipo singular de experiência, isto é, enquanto experiência de *doação de sentido* (Nalli, 2006).

Assim, Foucault sintetiza: enquanto experiência imaginária (a questão da experiência perpassa toda a trajetória de Foucault; para um tratamento minucioso das mudanças e transformações no interior de sua filosofia, cf. Galantin, 2021), o sonho “não se deixa esgotar [...] por uma análise psicológica, porque ele também diz respeito à teoria do conhecimento” (Foucault, 2001a, p. 109). Em concordância à interpretação que Hegel toma de Heráclito, Binswanger compreende que “os que sonham vivem isolados, em mundos privados, enquanto [aqueles] que estão realmente despertos têm um e mesmo mundo,

vivendo de acordo com as regras universais, cujo antigo nome é ‘simpatia’” (Loparić, 2002, p. 385). Em seu sonho, o indivíduo, em suas imagens, humores e sentimentos, “vive completamente em seu próprio mundo” (Binswanger, 2002, p. 441).

Logo, conforme elucida Nalli (2006, p. 60), a *Daseinsanalyse*, “enquanto uma abordagem para a apreensão compreensiva da subjetividade como outro e como condição fundamental para as significações”, possibilita a compreensão tanto da subjetividade onírica, quanto das subjetividades delirantes e patológicas. Para Binswanger (2002), os sonhos possuiriam uma significação *clínica*, e, na análise, o analista deveria ser apenas um mediador, quem guiaria o paciente entre seu mundo e o mundo comum. A principal novidade apresentada em *Traum und Existenz* foi metodológica, e dizia respeito à tarefa da psiquiatria, que “não é descrever processos psicossomáticos e biográficos singulares, (...) [mas] sim formas ou estruturas dinâmicas do mundo, que são a fonte principal das manifestações da vida em geral e, em particular, do material onírico” (Loparić, 2002, p. 386).

Não obstante, em suas fichas de leitura, cuja grande parte permanece não publicada, depositadas no Biblioteca Nacional da França, Foucault tece severas críticas à Binswanger, afirmando que, embora visse investigar o mundo singular do paciente, a *Daseinsanalyse* acaba por ter uma visão negativa da patologia, e passaria a buscar de que modo o paciente é diferente dos demais, em uma concepção que distingue radicalmente o normal do patológico. Em resumo, “Foucault vê uma ambivalência entre a abordagem metodológico-clínica da *Daseinsanalyse* e sua fundação teórica” (Basso, 2023, p. 12). Tal crítica encontrase em consonância àquela tecida por Heidegger, o qual, em termos mais severos, afirmou que o psiquiatra suíço compreendeu sua analítica existencial da forma mais grosseira possível (Loparić, 2002). Apesar disso, ao longo de sua introdução, nota-se um tom predominantemente positivo de Foucault, na medida em que ele identifica aí, apesar de “equivoco produtivo” no que concerne a Heidegger, uma superação às concepções freudianas concernentes ao sonho e à metodologia fenomenológica husserliana.

### Considerações finais

Por fim, deve-se destacar, que, dentre seus escritos sobre psicologia, Foucault, apesar de suas ponderações e críticas, considera a *Daseinsanalyse* de Binswanger um marco fundamental na história da psicologia e da psicopatologia: a partir do confronto entre Freud e Husserl, Binswanger concebe uma nova alternativa à psicanálise e às ciências positivas, direcionando a psiquiatria a um novo viés, predominantemente filosófico. Portanto, caso formos pensar no futuro da *Daseinsanalyse*, ele parece abraçar uma abordagem mais integrada para entender a existência humana, particularmente em relação à psicopatologia, em relação à doença mental. Segundo Fernandez (2018) sugere, ultrapassar a diferença heideggeriana entre ôntico e ontológico pode ser mais enriquecedor à *Daseinsanalyse*, na medida em que reconhece que não se pode distinguir tão rigidamente as estruturas da existência humana. Em resumo, o futuro da *Daseinsanalyse* parece destinado a ser mais inclusivo e interdisciplinar, particularmente no contexto da saúde mental.

Como última consideração, deve-se ressaltar, em concordância às análises de Basso (2023), que já é possível encontrar nestes primeiros escritos de Foucault sua crítica às ciências humanas, temática que se torna central em sua arqueologia do saber, desenvolvida na década seguinte. Pode-se afirmar que o contato com Binswanger foi decisivo para Foucault afastar-se progressivamente da fenomenologia, com a qual rompe em definitivo a partir da década de 1960. No nascimento de *Histoire de la folie*, a *Daseinsanalyse* foi decisiva, já que aborda a loucura e a doença mental em uma nova perspectiva, a qual decerto inspirou Foucault a elaborar sua tese de doutoramento, em que desenvolve questões já tematizadas por Binswanger de modo completamente diferente.

À título de conclusão, acreditamos que retomar os escritos *proto-arqueológicos* de Foucault seja uma tarefa mais do que necessária, pois a partir deles poder-se-á compreender de modo mais profundo e completo suas elaborações filosóficas posteriores, sobretudo em relação à arqueologia do saber, cujos estudos, atualmente, encontram-se “adormecidos”. Portanto, esperamos que o presente trabalho possa colaborar para a retomada dos estudos da arqueologia foucaultiana, certamente uma das contribuições mais importantes da filosofia francesa do século XX.

### Referências

- Basso, E. (2010). “Le rêve comme argument”: Les enjeux épistémologiques à l’origine du projet psychiatrique de Ludwig Binswanger. *Archives de Philosophie*, 73, 655-686. <http://dx.doi.org/10.3917/aphi.734.0655>
- Basso, E. (2015a). La correspondance entre Michel Foucault et Ludwig Binswanger, 1954–1956. In Bert, J. -F., & Basso, E. (Eds.), *Foucault à Münsterlingen: À l’origine de l’Histoire de la folie* (pp. 175-195). EHESS.
- Basso, E. (2015b). Le rêve et l’existence, histoire d’une traduction. In Bert, J. -F., & Basso, E. (Eds.), *Foucault à Münsterlingen: À l’origine de l’Histoire de la folie* (pp. 141-166). EHESS.
- Basso, E. (2021). Situation du texte. In Foucault, M., *Binswanger et l’analyse existentielle* (pp. 179-204). EHESS; Gallimard; Seuil.
- Basso, E. (2023). Foucault’s Critique of the Human Sciences in the 1950s: Between Psychology and Philosophy. *Theory, Culture & Society*, 40 (1-2), 1-20. <http://dx.doi.org/10.1177/0263276420950824>
- Binswanger, L. (1928). *Wandlungen in der Auffassung und Deutung des Traumes: von den Griechen bis zur Gegenwart*. Springer.
- Binswanger, L. (2002). O sonho e a existência. *Natureza Humana*, 4 (2), 417-449.
- Defert, D. (2001). Chronologie. In Foucault, M., *Dits et écrits I: 1954–1975* (pp. 13-90). Gallimard.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2010). *O que é a filosofia?* (3a. ed., B. Prado Jr & A. A. Muñoz Trad.). Editora 34.
- Elden, S. (2021). *The Early Foucault*. Polity.

- Eribon, D. (1991). *Michel Foucault* (2e. ed). Flammarion.
- Fernandez, A. V. (2018). Beyond the Ontological Difference: Heidegger, Binswanger, and the Future of Existential Analysis. In Aho, K. (Ed.), *Existential medicine: essays on health and illness* (pp. 27-42). Rowman & Littlefield International.
- Foucault, M. (1954). *Maladie mentale et personnalité*. Presses Universitaires de France.
- Foucault, M. (2001a). Introduction, in Binswanger (L.), *Rêve et l'Existence*. In Foucault, M, *Dits et écrits I: 1954–1975* (pp. 93-147). Gallimard.
- Foucault, M. (2001b). Michel Foucault, “Les Mots et les Choses”. In Foucault, M, *Dits et écrits I: 1954–1975* (pp. 526-532). Gallimard.
- Foucault, M. (2001c). Préface. In Foucault, M, *Dits et écrits I: 1954–1975* (pp. 187-195). Gallimard.
- Foucault, M. (2021). *Binswanger et l'analyse existentielle*. EHESS; Gallimard; Seuil.
- Foucault, M. (2024). *Nietzsche : Cours, conférences et travaux*. EHESS; Gallimard; Seuil.
- Freud, S. (2013). Sobre a psicologia dos processos oníricos. In Freud, S, *A interpretação dos sonhos* (Vol. 2., R. Zwick Trad.). (pp. 535-648). L&PM.
- Galantin, D. V. (2021). *Experiência e política no pensamento de Michel Foucault*. Ed. UFPR.
- Heidegger, M. (2015). *Ser e tempo* (10a. ed, M. S. Cavalcante Trad.). Vozes; Editora Universitária São Francisco.
- Loparić, Ž. (2002, dezembro). Binswanger, leitor de Heidegger: um equívoco produtivo? *Natureza humana*, 4 (2), 383-413. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S15172430200200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15172430200200006&lng=pt&nrm=iso)
- Macey, D. (2019). Carnival in Musterlingen. In Macey, D, *The Lives of Michel Foucault* (pp. 47-71). Verso.
- Montinari, M. (2003). Ler Nietzsche. In Chaves, E. *No limiar do moderno: estudos sobre Friedrich Nietzsche e Walter Benjamin* (pp. 241-249). Paka-Tatu.
- Nalli, M. (2006). A recepção da fenomenologia da significação na proto-arqueologia de Foucault. In Nalli, M, *Foucault e a fenomenologia* (pp. 27-52). Loyola.
- Nunes, B. (2016). *Heidegger*. Loyola.
- Roehe, M. V., & Dutra, E. (2014). Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 32 (1), 105-113. <http://dx.doi.org/10.12804/apl32.1.2014.07>
- Sabot, P. (2015). Entre psychologie et philosophie. Foucault à Lille, 1952–1955. In Bert, J. -F., & Basso, E. (Eds.), *Foucault à Münsterlingen: À l'origine de l'Histoire de la folie* (pp. 103-126). EHESS.
- Sloterdijk, P. (2018). *Regras para o parque humano: resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo* (4a. ed., J. O. de A. Marques Trad.). Estação Liberdade.

- Spiegelberg, H. (1972). Ludwig Binswanger (1881–1966): Phenomenological Anthropology (Daseinsanalyse). In Spiegelberg, H, *Phenomenology in Psychology and Psychiatry: A Historical Introduction* (pp. 193-232). Northwestern University Press.
- Stein, E. (2002). A analítica existencial. In Stein, E, *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger* (pp. 59-76). EDIPUCRS.
- Yasoshima, F., & Messas, G. (2018). Foucault e Binswanger: uma aproximação intempestiva? *Revista da Abordagem Gestáltica*, 24 (2), 196-203. <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n2.8>